



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS – UFT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
LICENCIATURA EM LETRAS – PORTUGUÊS**

OZELITA DIAS CALDAS DE JESUS

REPRESENTAÇÕES DA MULHER NEGRA PELA VIA DO CINEMA

**ARAGUAÍNA – TO
2018**

OZELITA DIAS CALDAS DE JESUS

REPRESENTAÇÕES DA MULHER NEGRA PELA VIA DO CINEMA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Wallace Rodrigues

ARAGUAÍNA – TO
2018

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins**

J58r Jesus, Ozelita Dias Caldas de Jesus.
REPRESENTAÇÕES DA MULHER NEGRA PELA VIA DO
CINEMA. / Ozelita Dias Caldas de Jesus Jesus. – Araguaína, TO,
2018.
49 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Letras - Português,
2018.

Orientador: Wallace Rodrigues

1. CAPÍTULO 1 - SUBALTERNIDADE FEMININA. 2. CAPÍTULO 2
- CINEMA NA EDUCAÇÃO . 3. CAPÍTULO 3 - REPRESENTAÇÕES
DE MULHERES NEGRAS NO CINEMA. 4. 3.1 – O FILME A COR
PURPURA ; 3.2 – O FILME PRECIOSA . I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de
qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que
citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime
estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da
UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

OZELITA DIAS CALDAS DE JESUS

REPRESENTAÇÕES DA MULHER NEGRA PELA VIA DO CINEMA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciado em Letras.
Orientador: Prof. Dr. Wallace Rodrigues

Aprovado em: ____/____/____

Prof. Dr. Wallace Rodrigues
(Orientador)

Profa. Ms. Lianja Soares Aquino

Profa. Ms. Danielle Masterlari Levorato

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer meus principais incentivadores nesta caminhada, que não foi fácil. Antes de tudo, agradecer a Deus que é a luz que me guia, a Ele que me deu coragem para com êxito percorrer essa caminhada, que por vezes pensamos em desistir, mas Ele em todos os momentos permitiu que eu não desistisse do percurso.

Gostaria de agradecer o apoio dos meus familiares, primeiramente meus genitores, mãe e pai (in memoriam), porque se hoje sou uma pessoa melhor, devo isso a eles. Agradecer irmãs e irmão que sempre estiveram comigo nas horas difíceis, me apoiando quando precisava.

Em especial, a Anelita que me ajudou com palavras incentivadoras e sempre fazia os afazeres de casa para que eu tivesse mais tempo para estudar. Meu irmão Edson que durante quatro anos me trazia e buscava na Universidade sem medir esforços, e quando me via atarefada com os trabalhos, estágios e seminários me aconselhava ter bom ânimo.

E ainda a Carmelita pelo incentivo de fazer um curso superior, pois segundo ela, e hoje também acredito, nos capacita para inúmeras oportunidades não apenas profissionalmente, mas principalmente como cidadão.

Agradecer também ao meu professor-orientador, Prof. Dr. Wallace Rodrigues, que ainda nas aulas de TCC I, sem medir esforços, aceitou ser meu orientador, me auxiliou na elaboração da temática, na divisão dos capítulos e filmes que melhor abordassem o assunto deste escrito.

Agradecer a Profa. Lianja Soares de Aquino, pelas excelentes aulas ministradas sobre o feminismo, pelo o incentivo de pesquisar a temática e pelos artigos que me enviastes sobre o feminismo, que foi essencial para eu escrever esse trabalho.

Agradecer minhas amigas que sempre me apoiaram nessa minha caminhada, cito algumas delas aqui: Maria do Socorro, que sempre estávamos juntas, nos seminários e em qualquer atividade da faculdade, amiga que levarei para além da Universidade; Irene, minha parceira de estágio, Cynthia, parceira nas apresentações de seminário e atriz nos teatros das aulas de Literatura Portuguesa. Enfim agradeço todos os meus amigos que atuaram nesse processo, mesmo que não estejam aqui citados, mas sempre estará nas minhas lembranças.

E assim, a todos os professores do Curso de Letras da Universidade Federal do Tocantins, em especial o professor Wallace Rodrigues, meu orientador, essa pessoa humana que tem o prazer de ensinar aos alunos. Lianja Soares de Aquino, excelente professora e mulher engajada na luta pela valorização da mulher. Maria Eleuda, Eliane Cristina Testa, excelentes professoras de literatura que me deixaram ainda mais encantada pela arte literária e a professora Danielle Masterlari Levorato pessoa maravilhosa, admirável e dedicada, sempre preocupada com a formação educacional dos alunos. E demais professores que serei eternamente grata pelos ensinamentos.

Na universidade aprendi muito. Quando entrei na universidade eu era uma pessoa imatura quanto às questões que envolvia políticos e sociais. Hoje, com os ensinamentos aprendidos, tenho pensamentos diferentes de quando entrei. Como ser humano, posso afirmar, que hoje me sinto uma pessoa melhor, e isso devo aos meus mestres.

*Sou como um rio. Os rios contornam todos os
obstáculos.
(Paulina Chiziane)*

RESUMO

Esta monografia, apresentada ao curso de Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas, tem por objetivo, pesquisar representações da mulher negra pela via do cinema. Além de discutir as dificuldades que as mulheres negras enfrentam na sociedade, abordar questões sobre o preconceito de gênero e cor, abordar, também, sobre o processo histórico da mulher negra em busca de respeito, aceitação e valorização, bem como falar sobre cinema na educação enquanto ferramenta de ensino-aprendizagem e geradora de informações culturais e históricas. Esta pesquisa é de cunho bibliográfico e analisa obras cinematográficas. Os objetos das análises cinematográficas deste trabalho serão os filmes *A cor Púrpura* e *Preciosa*¹. Os resultados desta pesquisa nos mostra que a mulher lutou e ainda luta para conquistar independência pessoal e respeito em uma sociedade ainda muito machista

PALAVRAS-CHAVE: Mulher negra; preconceito, cinema e educação.

¹ Os nomes dos filmes em itálico neste TCC. Sabemos que usamos itálico somente para palavras estrangeiras, mas optamos por utilizar o itálico para dar mais ênfase aos nomes dos filmes.

ABSTRACT

This monograph, presented to the course of graduation in Letters with qualification in Portuguese Language and its respective literatures, has as objective, to investigate representations of the black woman by means of the cinema. In addition to discussing the difficulties that black women face in society, addressing questions about gender and color prejudice, also addressing the historical process of black women in search of respect, acceptance and appreciation, as well as talk about cinema in education as a teaching-learning tool and generating cultural and historical information. This research is bibliographical and analyzes cinematographic works. The objects of the cinematographic analyzes of this work will be the films *The color Purple* and *Precious*. The results of this research shows us that the woman fought and still struggles to gain personal independence and respect in a still very sexist society.

KEYWORDS: Black woman; prejudice, cinema and education.

¹ Os nomes dos filmes em itálico neste TCC. Sabemos que usamos itálico somente para palavras estrangeiras, mas optamos por utilizar o itálico para dar mais ênfase aos nomes dos filmes.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. CAPÍTULO 1 - SUBALTERNIDADE FEMININA	13
2.1 Subalternidades da mulher negra.....	17
3. CAPÍTULO 2 - CINEMA NA EDUCAÇÃO	24
4. CAPÍTULO 3 - REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS NO CINEMA .	29
4.1 O filme a Cor Púrpura	29
4.2 O filme Preciosa	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
6. REFERÊNCIAS.....	47

1. INTRODUÇÃO

Este escrito busca mostrar as representações da mulher negra por meio da linguagem cinematográfica, focando nos filmes *A Cor Púrpura* e *Preciosa*, filmes que abordam questões sobre preconceitos de gênero, cor, condição social e estética. Esta monografia se desenvolve como cunho qualitativo e a partir de pesquisa bibliográfica. Maria de Freitas de Campos Tozoni-Reis (2009) entende a pesquisa bibliográfica e o método qualitativo como sendo:

A pesquisa bibliográfica tem como principal característica o fato de que o campo onde será feita a coleta dos dados é a própria bibliografia sobre o tema ou o objeto que se pretende investigar. (...) Na pesquisa bibliográfica, vamos buscar, nos autores e obras selecionadas, os dados para a produção do conhecimento pretendido. (...) Por pesquisa qualitativa entendemos uma modalidade segundo a qual a compreensão do conteúdo é mais importante do que sua descrição ou sua explicação. (TOZONI-REIS, 2009, p. 25)

Este trabalho descreve a expressividade da mulher negra por meio da arte cinematográfica. Vemos que o cinema detém uma linguagem interativa que pode ser usado como método educacional. Sendo possível, por meio do cinema, ajudar a desconstruir preconceitos e a promover compreensões e aprendizados sobre diferenças de gênero e raça.

No primeiro capítulo será apresentada a temática sobre a subalternidade feminina e da mulher negra, abordando o preconceito de gênero e raça. No segundo capítulo a abordagem será sobre cinema e educação; e o terceiro capítulo será a análise dos filmes *A Cor Púrpura* e *Preciosa* e discussões teóricas sobre tais filmes e a negritude feminina.

Sabemos que descrever a história das mulheres tem suas particularidades, principalmente se nos atentarmos aos fatos históricos de luta e resistência ao longo de séculos. A narrativa histórica de lutas das mulheres é complexa de ser descrita de acordo com os relatos históricos de preconceitos e desvalorização do seu papel na sociedade, sociedade ainda extremamente machista, que visualiza a figura feminina como um ser que deve ser submisso à ditadura masculina.

A narrativa histórica das mulheres é ainda mais complexa quando na discussão insere-se a história de mulheres negras, pois, neste contexto, a problemática não é apenas de gênero, mas também racial.

Ao longo de muitos séculos, as mulheres batalharam pela conquista de seus direitos na sociedade, mas o registro historiográfico feminino, segundo Maria Izilda Matos (2013) ocorreu somente a partir dos anos 1980, quando foram inseridas abordagens sobre o cotidiano em diversos espaços: Trabalho nas fábricas, nos sindicatos, nas lutas e greves.

É sabido que a figura feminina foi silenciada por muito tempo na história da humanidade e esse silenciamento pode ser compreendido pelo fato da história ter sido escrita por homens e a partir da visão dos homens, as mulheres não tinham nenhuma representatividade importante em questões sociais.

Nesse contexto de luta contra o sistema de discriminação e preconceitos vivido pelas mulheres, surge o movimento feminista, movimento que combate a submissão feminina e as desigualdades vividas pelas mulheres, intervindo para a reversão desse domínio masculino que ainda subsiste neste século.

O movimento feminista tem buscado promover políticas de igualdade para as mulheres, tentando inibir preconceitos de gênero, raça e classe que se propagam na sociedade. Mas o movimento sem o apoio e engajamento das mulheres marginalizadas enfraquece-se, pois, essas são as mais afetadas pelas discriminações.

O cinema apresenta, portanto, narrativas importantes relacionadas à representação de mulheres negras. Os filmes trabalhados nesse escrito trazem evidências sobre mulheres negras, apresentando as dificuldades que vivenciam para (re)construir suas identidades por causa do preconceito e barreiras que a sociedade impõe a elas

Vemos que o cinema se configura como uma importante ferramenta educacional, pela interação direta que este promove com os estudantes. Sendo possível, por meio do cinema, conhecer outras culturas, fatos históricos e ocorrências do cotidiano. As imagens apresentadas em movimento despertam curiosidades e trabalham o imaginário do espectador para interpretar os fatos a partir das narrativas apresentadas.

Os filmes *A Cor Púrpura* e *Preciosa*, discutidos neste escrito, foram escolhidos porque promovem conhecimentos e problematizam questões sobre a mulher negra, o preconceito de cor, raça, características físicas, posição social, sobre questões educacionais, escravidão, resistência e superação das mulheres em diversos ambientes sociais.

2. CAPÍTULO 1

SUBALTERNIDADE FEMININA

No percurso da história da humanidade, relatos sobre a mulher foram sempre marcados por desigualdades e preconceitos que descaracterizam a importância do papel feminino em questões sociais. Entretanto, a mulher não se acomodou diante os obstáculos e persistiu buscando estratégias para conquistar respeito e legitimar seu valor na sociedade, travando batalhas contra os preconceitos machistas que não aceitam a igualdade de direitos das mulheres na sociedade.

Relatos citados por Djamilia Ribeiro (2014) revelam que a mulher brasileira, não diferentemente das mulheres de outros países, tiveram seu percurso histórico marcado por lutas para conquistar os direitos mínimos de igualdade:

No Brasil, o movimento feminista, teve início no século XIX, o que chamamos de primeira onda. Nesta, as reivindicações eram voltadas para assuntos como o direito ao voto e à vida pública. (...). Em 1922, nasce a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, que tinha como objetivo lutar pelo sufrágio feminino e o direito ao trabalho sem a autorização do marido. Na década de 1970, começaram a denunciar a invisibilidade das mulheres negras dentro da pauta de reivindicação do movimento. A segunda onda tem início nos anos 1970 num momento de crise da democracia. Além de lutar pela valorização do trabalho da mulher, o direito ao prazer, contra a violência sexual, também lutou contra a ditadura militar. No Brasil, o feminismo negro começou a ganhar força no fim dessa década, começo da década 1980, lutando para que as mulheres negras fossem sujeitos políticos. Na terceira onda, que teve início da década de 1990, começou se a discutir os paradigmas estabelecidos nas outras ondas, colocando em discussão a Micropolítica. (RIBEIRO, 2014, p, 1-2)

Apesar de a mulher ter conquistado ingresso na vida política, na educação, espaço no mercado de trabalho, ainda assim existem práticas que desigualam as mulheres em relação a todas as conquistas adquiridas. Por exemplo, é predominante o pensamento que determinados cursos de formação superior são para mulheres e outros para homens, que mulher não entende de política, por isso não deve pleitear cargos políticos, e ainda que algumas profissões são mais convenientes à personalidade masculina. Todos esses fatores promovem a desigualdade e excluem a mulher de diversos meios sociais.

Luiz Felipe Miguel e Flávia Biroli (2010) levantam questionamentos bastantes significativos relativos à representação das mulheres na vida pública e privada.

A crítica feminista tem como um de seus alvos as contradições entre os direitos liberais, apresentados como universais e igualmente desfrutados, e a permanência de formas concretas de subordinação e exclusão. A

dualidade entre o público e o privado, tal como se estabeleceu na modernidade, permite a convivência entre os direitos individuais na esfera pública e as relações desiguais que estruturam a esfera privada. Do mesmo modo, a divisão sexual do trabalho envolve a designação de posições diferentes para homens e mulheres, estabelecendo continuidades entre as duas esferas. Em uma e em outra, os direitos individuais não são suficientes para colocar homens e mulheres em posições equânimes. Em outras palavras, a subordinação e a dependência impostas às mulheres, concretizadas pela divisão sexual do trabalho, permeiam as diversas esferas da vida e explicitam as conexões entre elas. (MIGUEL; BIROLI, 2010 p. 657)

Compreendemos com esta citação que a figura feminina não deve ser definida pela relação social de gênero, restringindo funções específicas para homens e outras para mulheres distintamente. A função social do sujeito feminino é tão importante quanto a do masculino. A mulher possui a mesma capacidade intelectual e competência para desempenhar a mesma atividade que os homens desempenham. Não reconhecer a capacidade das mulheres e sua importância na sociedade se configura desigualdade entre os gêneros.

O argumento de que homens e mulheres são biologicamente distintos e que a relação entre ambos decorre dessa distinção, que é complementar e na qual cada um deve desempenhar um papel determinado secularmente, acaba por ter o caráter de argumento final, irrecorrível. Seja no âmbito do senso comum, seja revestido por uma linguagem "científica", a distinção biológica, ou melhor, a distinção sexual, serve para compreender — e justificar — a desigualdade social. (LOURO, 1997, p. 20)

Ana Carla Alves e Ana Karina Alves (2013, p.117) afirmam que a principal luta do movimento feminista é a luta contra a opressão, exclusão e direito a igualdade e respeito. As autoras afirmam ainda que, mulheres de todo o mundo foram e ainda são oprimidas e apontam que a mudança consiste em fazer conhecido o movimento feminista para que haja mudança na posição social da mulher.

Com base nos pressuposto da luta pela igualdade de gênero, entende-se que a sociedade é estruturada para dados grupos que exercem o poder sobre os demais. E em posse do poder, esses grupos estabelecem valores, aniquilando uns e enaltecendo outros. Nesse contexto, as mulheres pertencem aos grupos que mais sofrem discriminação.

Narrativas históricas sobre a mulher quase sempre estão condicionadas aos princípios reguladores do sistema, onde os opressores de posse do poder exercem a soberania, usando de violência para com o “submisso”, o “subalterno”, condicionando-o ao total apagamento da personalidade. Assim são descritas as

mulheres subalternas: submissas e sujeitas agressões psicológicas e até mesmo físicas.

Wagner Enedino e Celeste Sousa (2014) definem o conceito de subalternidade como sendo:

A subalternidade sob o ponto de vista político, dentro de um contexto histórico e social, pode ser definida como consequência irremissível de uma relação de poder cujas diferenças são indissociáveis entre si. Para que a existência de um seja possível, a presença do outro é inevitável, de modo que há um processo de oposição que se configura a partir de questões relacionadas a fatores externos e internos ao sujeito dentro do meio social. (ENEDINO; SOUSA, 2014, p, 271)

Na mesma perspectiva, Enedino e Sousa (2014) relatam que uma pessoa subalterna não reconhece seus valores e age como personagem de uma narrativa, sem voz e sem personalidade, quem apenas representa o papel. Segundo os autores, o subalterno vive sob constantes ameaças e dominação do seu agressor, sua personalidade é silenciada e as regras são estabelecidas pelo dominador.

As regras ditadas às figuras femininas representam uma barreira para que essas mulheres tornem-se protagonistas de suas próprias histórias. A crença que se propagou na sociedade, durante muitos anos, afirmava que o papel da mulher estava limitado aos compromissos domiciliares e a cuidar dos filhos. E o homem providenciava o sustento familiar, ocupando diversos espaços na sociedade. Tais ideologias se propagavam reproduzindo o preconceito e o apagamento da figura feminina, inibindo sua ascensão social.

Segundo Heleieth Saffioti (1987), a desvalorização do papel feminino na sociedade está fundamentada na crença social dos poderosos.

Dada a desvalorização social do espaço doméstico, os poderosos têm interesse em instaurar a crença de que este papel sempre foi desempenhado por mulheres. Para a solidificação desta crença nada melhor do que retirar desta atribuição de papéis sua dimensão sociocultural. Ao se afirmar que sempre e em todos os lugares as mulheres se ocuparam do espaço doméstico, eliminam-se as diferenciações históricas e ressaltam-se os característicos "naturais" destas funções. (SAFFIOTI, 1987, p.11)

Assim, destacamos que a subordinação da mulher está inserida em todas as camadas da sociedade, tanto dominante, quanto subalterna e atinge mulheres brancas e negras e em todo o corpo social. A mulher parece estar condicionada à

subordinação, quer seja pelo pai ou esposo e esse ditam regras de comportamentos aos padrões estabelecidos.

Ao romper com tais regras sociais e lutar a favor da liberdade e igualdade as mulheres estão sujeitas à violência recorrente. Sobre dados da violência contra as mulheres brasileiras, Lourdes Maria Bandeira (2017) faz-nos relatos incluídos no mapa da violência no Brasil:

As manifestações da violência presentes nas relações interpessoais e de gênero são estruturantes, seja pelo fato de normatizar, modelar e regular as relações interpessoais entre homens e mulheres em nossa sociedade, seja pela forma indistinguível de poder que assumem, seja pela dimensão quantitativa que apresentam. A violência contra a mulher floresce tão fortemente na sociedade brasileira que a taxa média anual é de 4,8 assassinatos femininos em cada 100 mil mulheres, que ocorrem desde 2013, colocando o Brasil na 5ª posição entre os países com maior índice de homicídios femininos, no ranking de 84 nações. (BANDEIRA, 2017, p.20)

A autora traz relatos, também, sobre as consequências fatais decorrentes da violência contra as mulheres, o feminicídio:

Mais de 100 mil mulheres foram assassinadas no País em uma década (2003-2013); uma realidade vergonhosa que tornou a tipificação penal do feminicídio uma demanda explícita e urgente, cuja real aplicação tem no Judiciário seu elemento indispensável. (BANDEIRA, apud WAISELFISZ, 2015, p.7)

Compreendemos que a violência resulta da opressão social predominante na sociedade, onde a dominação representa o controle sobre as relações de gênero. Sendo a mulher representada como um objeto que necessita do comando do seu “possuidor”.

Entendida a violência contra a mulher e de gênero como uma força social com capacidade para estruturar as relações sociais, pode ser acrescida de outras diversas perspectivas: pelo viés das relações interpessoais, isto é, das relações que se estabelecem na convivência entre os sexos e gêneros. (BANDEIRA, 2017, p.22)

Ainda sobre o cenário histórico da violência, inserem-se as narrativas sobre as mulheres negras, que experimentaram diversos tipos de violência: violência psicológica, agressões físicas e violência sexual. Em fatos comparativos, as mulheres negras estão em situações mais vulneráveis que as mulheres “brancas”, uma vez que a negra é discriminada por questão de gênero, cor, condição social e esteticamente. Temáticas de importante relevância que serão discutidas no próximo tópico deste escrito.

Refletindo os relatos sobre o processo histórico das relações de gêneros nas diversas camadas da sociedade e as consequências resultantes dos conflitos gerados, refletindo ainda a respeito dos relatos históricos de desigualdade social e submissões, é importante destacar que as mulheres obtiveram muitas conquistas, mas muito ainda têm por conquistar. E o passo mais importante a ser dado é continuar lutando contra as ações do patriarcado machista que se opõe contra a igualdade de gênero.

2.1 Subalternidade da mulher negra

Narrativas sobre a história do negro no Brasil surgem a partir do século XVI, por volta de 1525, quando africanos começaram a ser trazidos ao Brasil pelos colonos portugueses para servirem de escravos. Eles eram comprados e negociados em seu país e sua utilidade aqui era trabalhar na lavoura sem receber nenhuma remuneração pelo seu trabalho. É importante ressaltar, que esses escravos, por muito tempo, serviram para sustentaram a economia do país. Sharyse Piroupo do Amaral (2011) relata a chegada dos africanos ao Brasil:

A partir do século XVI o tráfico de africanos para o Brasil tornou-se um negócio altamente lucrativo para comerciantes dos dois lados do Atlântico. Primeiramente, o tráfico era realizado por comerciantes portugueses, que foram sendo substituídos por brasileiros até que, no século XVIII, estes passaram a ter o domínio sobre os negócios do tráfico. (...) Desembarcados no Brasil, nos portos de Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Vicente, os africanos escravizados eram distribuídos para as diferentes localidades para realizar todo tipo de trabalho. (AMARAL, 2011, p. 11-12)

Ainda sobre a perspectiva da autora Sharyse Piroupo do Amaral (2011, p.13), os africanos vendidos aos colonos e trazidos ao Brasil, eram considerados como “objetos”, os quais poderiam ser negociados, sendo até mesmo patrimônio dos senhores e deixados como herança às futuras gerações. Os denominados “proprietários” desses escravos condicionavam-os completamente às piores formas de humilhações e trabalhos forçados. Incapacitando-os até mesmo de protestar sobre sua condição humana.

Os negros escravos trabalhavam nos engenhos, nas minerações, na criação do gado, no cultivo de cacau, na lavoura de café, nas tarefas domésticas, comerciais e em demais atividades que exigiam muito esforço físico. Sabe-se, que esses escravos viviam em condição sub-humana e que a tirania dos seus “senhores”

mantinha-os cativos, sem direito à cidadania, salário e nem educação. Tiveram, também, que adaptar-se aos hábitos de uma nova cultura e falar uma língua desconhecida.

Marise Vicente de Paula (2012) sobre o processo de escravização no Brasil, nos traz referências desse momento histórico:

O processo de escravização por sua natureza é violento. Forçar um ser humano a trabalhar contra sua vontade, sem remuneração, nem qualquer direito, exige mecanismos de subjugação. Assim sendo, obrigar um ser humano a trabalhar como escravo por si só já é difícil, pior ainda seria ter que lhe ensinar o trabalho, daí a vantagem de se ter negros em vez de índios, os negros sabiam fazer o trabalho, bastava subjugar-los pela violência. (PAULA, 2012, p. 156)

Ainda segundo a visão de Paula (2012), no artigo intitulado “De escrava à empregada doméstica: o fenômeno da (in)visibilidade das mulheres negras”, a autora aborda questões sobre a (in) visibilidade das mulheres negras no período escravagista. A autora relata que as mulheres, mesmo nessa fase tão difícil para os negros, tiveram sua visibilidade negada.

Isso porque os “senhores” compradores de escravos tinham preferências por homens, pois, os valores de mercado para estes eram superiores se comparados aos valores pagos pelas mulheres. Também, porque durante a viagem nos navios negreiros os maiores números de mortes eram registrados entre mulheres.

Informa-nos ainda a autora que as mulheres negras estavam, do ponto de vista social, disponível ao sexo. Isso devido à forma de vestir-se e devido também ao comportamento expressivo, adquiridos na sua cultura de origem. Estas características socialmente diferenciadas faziam com que os homens europeus se deixassem seduzir pelas mulheres negras. E quando seus desejos eram negados, partiam para a violência sexual, psicológica e física.

(...) A liberdade de expressão, a essência da raça que era responsável pelo fascínio dos homens sobre as escravas, também era responsável pelo ciúme das mulheres brancas, que desforravam todo seu ódio e melancolia, de uma vida submissa e fútil, nas escravas que não tinham mecanismos de defesa contra estes ataques. (PAULA, 2012, p 158)

A mulher negra no período escravagista estava sujeita a diversos tipos de agressões de ordem física, moral e psicológica. Vivendo sob domínio do seu “dono”, trabalhavam na lavoura e ainda cuidavam das tarefas da casa sem receber nenhuma remuneração. E, além destas atribuições, ainda cuidavam das crianças

das suas “donas”, exercendo a função de “ama de leite”. Relata-nos a história, que as mulheres negras, no contexto da escravidão, representavam no lar do colono a “mãe preta”, um título dado às mulheres negras de mais idade e que já haviam gerado muitos filhos.

Trazendo a discussão para a atualidade, no que se refere à indiferença ao negro no contexto da sociedade brasileira, é importante destacar que, mesmo após o fim da escravidão, há cerca de 130 anos, ainda é necessário discutir o assunto do racismo. Em um país que se denomina democrático e multicultural, ainda se pratica o preconceito, corriqueiramente, contra os negros.

Andréia Lisboa de Sousa (2005) afirma que, romper com o preconceito ainda é um desafio na nossa cultura e que para desconstruir isso do meio social devemos priorizar os valores éticos e morais, conscientizando as pessoas que a discriminação racial é um estereótipo criado pela sociedade escravista e que só trouxe males aos negros.

Romper com esse quadro — eis o grande desafio — requer descobrir novas formas de linguagem, de sensibilização e de organização que atinjam a raiz do nosso imaginário, tanto no aspecto externo, das nossas atitudes, palavras e comportamentos, como no interno, dos nossos valores, crenças e emoções. (SOUSA, 2005, p. 201)

Os preconceitos contra as mulheres negras são diversos, o primeiro está relacionado ao fato do gênero, o segundo à cor, em seguida à condição social. As mulheres negras enfrentam muitos desafios para alcançar seus objetivos, por exemplo, chegar à universidade, ter reconhecimento profissional e ter sua identidade respeitada.

Mariana Mazzini Marcondes (2013) faz uma análise sobre o contexto da educação superior entre mulheres negras no Brasil. A autora afirma que houve um crescimento significativo nas últimas décadas. Em sua pesquisa ela traz dados de estudos realizados pelo IPEA (2011) de uma análise comparativa entre os anos de (1995-2009).

Os dados da pesquisa revelam que em 1995 o percentual de homens brancos nas universidades representavam 8.6% e subiu para 18.7% em 2009. Nesse mesmo contexto as mulheres brancas em 1995 representavam 9,2% e em 2009 23.81%. Já os homens negros o percentual era de 1.57% e atingiu 6.76%. E as mulheres negras representavam 2,37% e o índice atingiu 9.91%.

Avaliando o diagnóstico apresentado, é possível afirmar que as desigualdades ainda são maiores entre os negros. Os dados revelam também que o número de mulheres brancas e negras cresceu no ensino superior, mesmo enfrentando muitos desafios, as mulheres estão lutando para conquistar seu espaço na sociedade.

As mulheres, em seu conjunto, tiveram a maior taxa de crescimento nas faixas superiores de escolaridade, sendo que as mulheres negras acompanharam esse perfil de crescimento feminino. Entretanto, ao se observar os valores atingidos pelas negras em 2009, nota-se que só agora estas atingiram, nas faixas mais elevadas, valores próximos àqueles que as brancas tinham em 1995. As desvantagens das mulheres negras em relação às brancas eram tão elevadas no ponto de partida, que, mesmo tendo um bom crescimento ao longo do período considerado, elas ainda se mantêm bem longe de se assemelhar ao perfil das mulheres brancas ocupadas e mais escolarizadas. (LIMA; RIOS; FRANÇA, 2013, p. 62)

No nível educacional, é possível perceber um crescimento em relação ao gênero e cor, mas em outros contextos, as mulheres, sobretudo as negras, deparam-se com muitos fatores que as colocam em desvantagem. No mercado de trabalho, por exemplo, as mulheres negras estão inseridas nos espaços mais subalternos.

Neste cenário de vulnerabilidade da mulher negra no mercado de trabalho, Dados do Instituto de Pesquisa Aplicada - IPEA (2011), nos informa que:

A última edição do Retrato das Desigualdades, publicada em 2008, ressaltou a crescente diminuição de meninas e jovens ocupadas com o trabalho doméstico remunerado, evidenciando-se um contínuo e sustentando processo de envelhecimento da categoria. A tendência se confirma segundo os dados de 2009: do total de mulheres ocupadas em trabalho doméstico neste ano, 2,5% tinham entre 10 e 15 anos, e 2,6%, entre 16 e 17. Em 1995, eram 8,6% e 7,6%, respectivamente. No entanto, manteve-se inalterada a diferença de inserção de mulheres negras e brancas em idade escolar, indicando a permanência da desigualdade racial. Como um marcador estruturante da realidade do trabalho doméstico no Brasil. Em 2009, 4,1% das mulheres brancas de idade entre 10 e 17 anos estavam ocupadas em trabalho doméstico, enquanto 5,6% das mulheres negras desempenhavam a mesma função. (IPEA, 2011, p. 29)

Mesmo após a conclusão do ensino superior, muitas mulheres negras não conseguem ser valorizadas profissionalmente. Visto que elas deparam-se com o preconceito construído ao longo da história, que reproduz a memória da escravidão, sendo negado a elas o direito de alcançar significativa posição no mercado de trabalho. Tem-se um conceito social a respeito da mulher negra, que seu lugar é em atividades serviços e à disposição de quem está no poder.

Se para as mulheres brancas das classes médias, um ponto importante para autonomia é sua inserção no trabalho remunerado, demandando políticas de ativação; para as mulheres negras das classes mais pobres, a participação no mundo do trabalho é, em geral, precoce, precarizada e as inscreve, de partida, em patamares desvantajosos. As demandas são, por conseguinte, diferenciadas. (SILVA, 2013, p.110)

Ainda sobre o assunto mulher negra no mercado de trabalho, não nos esqueçamos de dar importância àquelas que ainda ocupam os espaços subalternos, pois, a economia brasileira depende delas. São elas, quem submetem-se a realizar o trabalho que geralmente as mulheres “brancas” recusam. A vida econômica e social necessita da babá, da doméstica, da cozinheira e de outras funções essenciais que as mulheres negras desempenham. A respeito da importância da participação da mulher no trabalho doméstico Solange Sanches (2011) nos informa:

O trabalho doméstico é classificado como parte da economia informal. Mais do que por uma correspondência direta com os diferentes conceitos de informalidade, esta modalidade de ocupação parece estar assim classificada pela dificuldade em incluí-la nas definições correntes do trabalho e do mercado de trabalho, pois estas ainda não incorporam a esfera da reprodução como criadora de valor. Não é, pois, a precariedade (real) do trabalho doméstico que o define como informal, mas o lugar que ocupa na concepção do que é uma atividade econômica. (...) O trabalho doméstico é uma das mais antigas e significativas ocupações das mulheres no mundo, e o cuidado com o domicílio – não importa quem o faça – é indispensável para os indivíduos e famílias e para o funcionamento geral da economia. (SANCHES, 2011, p.100 - 103)

E nessa conjuntura social, é importante destacar que estas atividades são pouco valorizadas. As trabalhadoras domésticas são mal remuneradas, pequeno número delas tem registro formal, exercem atividades de forma precária, e ainda estão sujeitas a humilhações do empregador.

As constantes humilhações que as mulheres enfrentam ao desempenhar seu trabalho são inúmeras. As alegações são de assédio moral, sexual, também acusações de roubo, são responsabilizadas a pagar por objetos quebrados, sumiço de objetos e outras hostilidades. Isso sem ter o direito de denunciar seus patrões, pois como o trabalho é informal, não chega a ser conhecido pelos órgãos fiscalizadores competentes.

Sueli Carneiro (1995) levanta questionamentos relevantes sobre a desvalorização da mulher negra. Segundo a autora, a mulher negra é discriminada em todas as circunstâncias sociais e, principalmente, esteticamente. Isso porque na sociedade brasileira é idealizado que o padrão estético de beleza é atribuído às

mulheres “brancas”. Por exemplo, as características físicas relacionadas à pele branca, o rosto delicado, cabelos lisos, loiros ou castanhos. E as mulheres negras, com sua beleza peculiar, são identificadas como estando fora desse padrão de beleza criado socialmente.

A construção da identidade é um processo que se dá tanto pela aproximação com o outro (aquele com quem desejamos nos assemelhar e que é qualificado positivamente) como pelo afastamento do outro (de quem nos julgamos diferentes e qualificamos negativamente). Na tentativa de diminuir o medo e a ansiedade causados pela possível semelhança ou dessemelhança entre eu e o outro, reproduzo imagens que me aproximem do positivo e me afastem do negativo. (CARNEIRO, 1995, p. 547)

E por não estar inserida nesse padrão social de beleza, as mulheres negras têm suas características negativadas. Essas são zombadas pela cor da pele e pela estrutura do cabelo. Relatos nas mídias sociais nos informam as inúmeras descrições atribuídas a elas. Por exemplo, são chamadas de “macaca”, “negrinha da cor de carvão”, “crioula maldita”, “negra do cabelo duro”, enfim, são vários os relatos de injúria racial a elas.

Essas descrições relacionadas às mulheres negras são consideradas como discriminação racial ou racismo². Conceito que afirma existir uma raça melhor que outras. A discriminação racial se apresenta principalmente às características físicas dos negros e provoca opressão psicológica e exclusão social.

Heleieth Saffioti (2004) explica-nos a desigualdade racial, afirmando que a democracia brasileira exige igualdade social entre os cidadãos. Na visão da autora, a igualdade não significa que as pessoas devem ter características físicas ou psicológicas iguais. A autora informa, também, que há uma confusão a respeito dos conceitos de “igualdade, diferença, desigualdade e identidade”. E afirma que “o par da diferença é a identidade. Já a igualdade, conceito de ordem política, faz par com a desigualdade”. (SAFFIOTI, 2004, p. 37)

Segundo Jurandir Freire Costa (1984), a violência racista é estabelecida através da cor e entre o sujeito negro e o seu corpo.

² A respeito de, discriminação racial ou racismo. Kabengele Munanga (1978, p.146) relata que “A partir de alguns estudos empíricos, podemos esquematizar da seguinte maneira o problema geral do preconceito de cor. De início, as atitudes preconceituosas são quase psicológicas. A discriminação racial acontece quando brancos e pretos entram em contato, mais ou menos permanente, estas atitudes se desenvolvem em comportamentos negativos dos primeiros contra os segundos. Ela pode ser feita de maneira violenta ou suave, clara ou sutilmente”.

A partir do momento em que o negro toma consciência do racismo, seu psiquismo é marcado com o selo da perseguição pelo corpo próprio. Daí por diante, o sujeito vai controlar, observar, vigiar este corpo que se opõe à construção da identidade branca que ele foi coagido a desejar. A amargura, desespero ou revolta resultantes da diferença em relação ao branco vão traduzir-se em ódio ao corpo negro. A discriminação de que seu corpo é objeto não dá tréguas à humilhação sofrida pelo sujeito negro que não abdica de seus direitos humanos, resignando-se à passiva condição de “inferior”. Curiosa e trágica contradição. (COSTA, 1984, p.6)

Segundo Wallace Rodrigues (2017, p.109), “(...) a vulnerabilidade social dos negros é histórica no Brasil e vem sendo, ainda hoje, perpetuada pelas péssimas condições de acesso aos bens sociais e de consumo oferecidos à população negra brasileira”.

É uma triste realidade quando mergulhamos na história brasileira e vemos o quanto o negro sofreu e ainda sofre para conquistar espaço na sociedade, para ser respeitado e ter os mesmos direitos que as pessoas “brancas” têm. E, infelizmente, a sociedade ainda não aprendeu a tratar o negro com respeito, não compreendendo que o negro tem os mesmos direitos como qualquer outro ser humano; direitos à igualdade, respeito, educação, saúde, trabalho e justiça social.

Dentro de todo esse conceito de estereotipização, de racismo, de exclusão, de segregação, etc., a mulher negra ainda sofre mais, pois carrega a questão do gênero. Já que, em nossa sociedade brasileira, as mulheres “valem menos” que os homens, vide o imenso número de feminicídios ocorridos anualmente no Brasil.

3. CAPÍTULO 2

CINEMA NA EDUCAÇÃO

Iniciamos este capítulo abordando a importância do cinema enquanto um instrumento produtor de conhecimento e educação. E para compreensão desse estudo, buscaremos relações entre o cinema e suas dimensões no campo educacional.

Walace Rodrigues e Luiza Helena Oliveira da Silva (2016), conceituam o cinema como sendo uma forma artística produtora de conhecimentos.

O cinema pode ser compreendido enquanto uma forma de representação artística que expande saberes e nos faz refletir sobre o mundo que nos cerca. O cinema se coloca, portanto, como uma maneira de significar o mundo, uma linguagem artística que tem próprios meios de nos fazer compreender e sentir. (RODRIGUES; SILVA, 2016, p.297)

Para os autores citados anteriormente, a linguagem cinematográfica se apresenta como percepções sensitivas que nos emocionam de várias formas e também promovem reflexões sobre diversos assuntos acerca do mundo real. Informam-nos, ainda, que o cinema tem a possibilidade de atribuir significados à vida, à sociedade e à cultura, mudando nossa forma de pensar e compreender nosso tempo.

Resumindo o conceito de cinema, Rodrigues e Silva (2016), defendem que a arte cinematográfica na atualidade, constitui-se como um lugar onde se busca esclarecimentos sobre acontecimentos históricos desconhecidos, ressignificando diversas situações do tempo presente.

Sylvia Caiuby Novaes (2009), afirma que o conhecimento implica em observar. Informa-nos que, quando observamos minuciosamente alguma coisa, anotamos, fazemos relações com os fatos observados e, sucessivamente, aprendemos algo sobre o que foi observado.

A visão é, para nós, cientistas sociais, efetivamente um ato do conhecimento. Não se trata de uma visão treinada, formada, dirigida. O ato de ver é sempre uma questão de opção, ao contrário do ato de ouvir. O som nos penetra, vem de fora para dentro. Para olhar e, mais ainda, para o olhar que investiga, devemos dirigir nossos olhos com atenção. É um movimento inverso ao ato de ouvir, pois o olhar parte de dentro para fora. (CAIUBY, 2009, p. 54)

Nosso corpo é constituído de órgãos sensitivos que são capazes de produzir diferentes linguagens e diferentes formas de interpretar o mundo. Por meio da visão, interpretamos as imagens e os movimentos das pessoas ao nosso redor. Neste sentido, o signo linguístico cinematográfico é compreendido através das imagens, sons e gestos.

Ainda sob a perspectiva de Sylvia Caiuby Novaes (2009), no campo da arte visual são duas as invenções mais significativas: a máquina fotográfica e o cinema. Sendo estes recursos capazes de nos fazer conhecer fatos distantes. As imagens transmitidas através de fotos e de filmes são como signos que representam identidades.

O cinema é essa ferramenta que propaga a educação, dando possibilidade do cineasta de expressar-se e de transmitir formas de pensar, formas de agir, conceitos sobre as coisas, enfim, aprendizagens várias. Também, o espectador pode, através de seu atento observar, retirar de um filme situações e sensibilizações únicas e proveitosas pedagogicamente.

Sobre a composição fílmica, Andréa Barbosa (2009, p. 73) comenta que “o filme se coloca, assim como um espaço aberto para o exercício da imaginação e da criação de sentidos”. Ainda na concepção da autora, mesmo o filme sendo uma narrativa “fictícia”, ele é capaz de produzir sentidos e emoção.

Assim, ao assistirmos a um filme, por exemplo, colocamos em prática os órgãos visuais e sonoros e, por meio destes, adquirimos conhecimento acerca da narrativa e inferimos resultados através das imagens e da mensagem sonora do que nos foi transmitido. “Nossos sentidos, visão, tato, olfato e audição nos proporcionam uma relação específica com o mundo.” (BARBOSA, 2009, p. 74)

A obra cinematográfica nos possibilita expandir nossa visão sobre a cultura e a sociedade na qual estamos inseridos, pois o cinema não significa apenas uma arte visual interativa, mas, sobretudo, sensitiva, capaz de nos emocionar a partir de realidades variadas.

Pensando o cinema como um recurso educacional, capaz de educar tanto como os textos teóricos utilizados em sala de aula, Marcos Napolitano (2009) descreve a importância de se trabalhar com esse recurso em sala de aula:

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer a ideologia e os valores sociais mais amplos são

sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, do mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e “difíceis, os filmes têm sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar. (NAPOLITANO, 2009, p.1-12)

Napolitano (2009) orienta que o professor, ao levar um filme para o contexto escolar, deve atuar como um mediador entre o filme apresentado e o público espectador, os alunos. Inicialmente apresentando, os temas discutidos no filme, devem ser apresentados também o contexto histórico e o desdobramento da narrativa. E depois é esperar qual será a reação dos espectadores, que podem ser positivas, expressando sentimentos e emoções, ou negativa, aversão ou ódio, dependendo das experiências pessoais dos alunos.

O autor em discussão nos informa que a relevância de se trabalhar com o cinema em sala de aula é a amplitude que essa ferramenta simboliza para o ensino. Tendo como propósito promover aos alunos motivação, principalmente aos desestimulados e aos que não gostam da leitura textual. E pensando a linguagem fílmica como um método capaz de despertar no aluno o interesse a respeito dos diversos assuntos que circulam no meio social e cultural, os resultados educacionais podem tornar-se ainda mais significativos.

Entretanto, se o professor não expor os objetivos do filme apresentado, não fizer uma relação da obra com o contexto histórico e cultural ou ainda não promover discussões sobre a narrativa apresentada, os resultados certamente não serão satisfatórios. Trabalhar o cinema no contexto escolar requer do professor conhecimentos e competências relativos à prática.

Sugerimos que o uso do cinema em sala de aula seja sistemático e coerente, e isso implica que filmes sejam articulados entre si, sobretudo quanto o espírito da atividade é a análise do filme como linguagem e fonte de aprendizado, mais do que catalisador de discussões. (NAPOLITANO, 2009, p. 79)

Napolitano (2009) descreve, também, os procedimentos essenciais para professores e alunos trabalharem a análise fílmica em sala de aula. O primeiro procedimento é a discussão oral da narrativa pelo grupo. Depois, a composição da sinopse, onde o aluno fará o resumo da obra apresentada. Seguindo a análise das imagens, trilha sonora, figurino. Dando atenção também às expressões e ações dos personagens e, por fim, a reconstituição da linguagem gestual e a composição

fílmica. Informa-nos o autor que esse processo deve ser aplicado especialmente aos filmes baseados em histórias reais.

O autor esclarece que esses procedimentos são importantes para se analisar uma obra cinematográfica, tendo por finalidade construir uma visão mais crítica e aprofundada no alunado quanto às diversidades de questões sociais e culturais que são abordados nos filmes.

Segundo Elí Henn Fabris (2008), o mundo moderno em que vivemos está imerso na cultura das imagens e alguns aprendizados podem ocorrer de forma espontânea quando essas imagens são aplicadas como um recurso de ensino-aprendizagem. Ao assistirmos a um filme, por exemplo, seja por entretenimento ou para fins de pesquisa, implica estarmos envolvidos em aprendizagens de saberes específicos. Observamos o contexto da obra, as imagens que se movimentam, a produção, o elenco e a história narrada. As imagens que se mobilizam criam sentidos capazes de nos despertar prazer e fantasias e, por vezes, confundimos a ficção com a realidade.

Quando isso acontece nos comportamos como se fossemos os personagens que vivem a história, ficamos emocionados, como se algo em nosso ser se renovasse. A experiência de assistir a um filme que nos impacta é comparada ao experimento de fazer uma viagem, onde conhecemos diversos lugares, culturas e falares de outros povos.

No que se referem aos filmes a *Cor Púrpura e Preciosa*, abordados neste trabalho, são obras que nos sensibilizam devido ao meio social em que estão inseridas as personagens. As obras em análises informam-nos sobre a importância e a força do cinema enquanto ferramenta de ensino-aprendizagem, que contribui para a formação cidadã, construído conceitos positivos sobre a identidade das mulheres negras, bem como desconstruindo os preconceitos de gênero, de raça e de classe social que corrompem a sociedade brasileira.

Assim sendo, as abordagens fílmicas neste trabalho se colocam como excelentes materiais pedagógicos no que se refere ao combate ao machismo e ao racismo. Situações essas que caracterizam várias diferenças na sociedade e provocam transtornos emocionais a quem as vivencia.

O filme *A Cor Púrpura*, quando exibido em sala de aula, a princípio, pode causar aos alunos uma reação negativa, pois o contexto histórico é de violência física, sexual, preconceitos e opressão. Situações que possivelmente muitos alunos

já tenham experimentado ou conhecem alguém que já tenha vivenciado esses casos.

O filme em questão pode ser útil para desconstruir o racismo, falar sobre o abuso sexual, o estupro de vulnerável (que acontece principalmente no meio familiar e domiciliar), bem como discutir práticas de violência e opressão que as mulheres enfrentam frequentemente.

Assim também, o filme *Preciosa* apresenta, em sua narrativa, questões de abuso sexual (também por um membro do grupo familiar), discriminação de cor e preconceito relacionado à estética corporal (devido a personagem estar fora dos padrões estéticos estabelecidos socialmente). E, ainda, a violência física e moral praticada pela mãe que agride a personagem, atribuindo-lhe a culpa de ser ela a responsável de o esposo a ter abandonado.

Assim sendo, a personagem da narrativa pode representar o cenário em que muitas alunas estão inseridas, tendo que lutar contra abusos, violências, contra a ditadura da beleza e também as dificuldades de conciliar estudo e maternidade.

Quando usados enquanto recursos metodológicos, os filmes possibilitam ao professor promover diferentes discussões acerca da história de vida dos personagens e dialogar sobre situações reais. Utilizando desses argumentos narrativos (as histórias fílmicas) para desmascarar situações de violências, machismo e racismo que as mulheres enfrentam no cotidiano e desconstruir os preconceitos enraizados na cultura brasileira.

A história vivida pelas personagens nos transporta para além da ficção, são acontecimentos reais que nós, mulheres, ou já vivenciamos ou conhecemos alguém que está inserida neste contexto. E diante de tantos relatos de mulheres vivendo essas atrocidades, tornar conhecido o problema já é um caminho para a mudança.

4. CAPÍTULO 3 - REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS NO CINEMA

4.1 O filme *A Cor Púrpura*.

O filme *A Cor Púrpura*, foi produzido a partir do livro da escritora americana Alice Walker, publicado no ano de 1982. Obra essa contemplada com dois importantes prêmios em 1983. Tal produção fílmica foi executada no ano de 1985 e dirigida pelo cineasta Steven Spielberg, tendo como cenário uma cidade situada na Geórgia, nos Estados Unidos. O filme aborda a discriminação de gênero, racial e social da mulher negra, que, mesmo após anos do fim da escravidão no país, continuaram vivendo situações subalternas como a injúria racial e preconceito.

O tempo da narrativa ocorre a partir do ano de 1906 e tem durabilidade de aproximadamente 40 anos. É importante ressaltar que, mesmo passando-se décadas de sua produção, a obra, ainda hoje é considerada uma produção atual, visto que aborda temas recorrentes na sociedade, como o preconceito ao gênero feminino e o racismo.

O filme *A Cor Púrpura*, embora seja uma obra fictícia, inquieta-nos quanto às revelações apresentadas na narrativa: atos desumanos que muitas mulheres vivenciam no cotidiano em seus lares sem ter coragem de expor suas vulnerabilidades. Visto que, expor as práticas de seus agressores requer medidas protetivas dos órgãos competentes para resguardar suas vidas e também penalizar os culpados pelas suas más ações.

Outra questão muito importante que devemos mostrar na abordagem fílmica desta obra é quanto ao respeito que devemos ter para com as pessoas, esse respeito pressupõe compreender as diferenças de gênero, raça e condição social do ser humano, reconhecendo o seu valor pelo que a pessoa representa humana e socialmente e não pelas características físicas.

A narrativa tem como personagem principal Celie, representada pela atriz Whoopi Goldberg. Celie é uma menina negra e pobre que vivia com o padrasto, Harris (vivido por Leonard Jackson) e a irmã Nettie (interpretada por Akosua Busia). Ela, ainda menina, foi vítima de um incesto praticado pelo homem que ela imaginava ser seu genitor. Como fruto dessa crueldade, nascem duas crianças, um menino e uma menina, que foram arrancados de seus braços momentos subsequentes ao

parto e dados em adoção a um missionário protestante. E seu agressor, temendo ser revelado, intimida Celie.

Heleieth Saffioti Iara Bongiovani (1987) discute a violência sexual, comparando o sujeito que pratica tal ação com um caçador que persegue sua presa até matá-la. Afirma que para o homem importa apenas o desejo sexual e, estando ele de posse do poder (físico, social, etc) que lhe é atribuído, usa seu poder nas relações afetivas, praticando o ato sexual contra a vontade da mulher, sem dar a ela outra opção, somente aceitar ser dominada.

Celie aos 14 anos de idade já compreendia que estava inserida numa sociedade machista e violenta. E carregou consigo os reflexos da reprovação social por ter nascido mulher, não muito bonita e, sobretudo negra. Após a morte da mãe, o padrasto casa-se novamente com uma menina com a mesma idade dela, e ela fica muito feliz de pensar que estaria livre de seu agressor.

Mas, em seguida, aparece Albert (Danny Clover), informando que precisa de uma mulher para cuidar dos seus filhos e da casa. Albert se agrada de Nettie, mas o padrasto informa que não pode dar a Nettie, por ser muito nova, e diz que pode levar a Celie, que, sendo mais velha, devia casar-se primeiro e também por ela já não ser mais virgem. E orienta Albert que pode fazer o que quiser com Celie, pois ela não exige nem comida nem vestimenta.

Na nova residência, Celie é humilhada de todas as formas possíveis. As ações violentas praticadas pelo marido são agressões físicas, práticas sexuais abusivas e agressões morais (principalmente durante o ato sexual). Albert desdenha e a humilha e ainda a desrespeita expondo a todos que tem uma amante, exibindo a foto da amante para que todos saibam e também para desprestigiar a esposa Celie.

Na sociedade em que Celie vive o machismo e a violência não são apenas ações efetivadas, mas também ensinadas. Albert, além de praticar violência com a esposa, ensinou ao filho, Harpo (Willard Pugh) que para os homens serem respeitados pelas mulheres uma boa surra resolve. Com essa fala percebemos como a sociedade machista propaga a violência às mulheres.

Neste contexto subalterno, a mulher é tratada como um “objeto” que serve apenas para cuidar dos afazeres de casa, dos filhos e serem desmoralizadas sem direito a exigir nada, nem apenas o que comer ou vestir, como o próprio padrasto de Celie recomenda a Albert sobre a maneira como deveria tratá-la.

Lourdes Maria Bandeira (2017) nos informa que na sociedade as relações interpessoais são marcadas por manifestações de violência, e que a violência é quem normatiza e modela as relações de homens e mulheres. Informa-nos ainda, que tais manifestações violentas ocorrem pela imposição do poder que os homens socialmente assumem.

Em meio a tanta dor e sofrimento, Celie ainda consegue ser doce e amável. O amor entre Celie e Nettie lhe envolve sobremaneira e a torna fortalecida para enfrentar as situações difíceis. E é com Nettie que Celie ainda consegue se divertir, sorrir e brincar, como fazia com sua irmã na infância.

Entretanto, Albert, insatisfeito por não ter se casado com Nettie, no momento em que ela vem morar com eles, projeta maneiras de possuí-la, mas Nettie consegue escapar do abuso sexual e ele, descontente com a rejeição, espanca-lhe e expulsa-a de sua casa com terríveis crueldades, deixando Celie desolada com a separação de sua irmã. E, posteriormente, Albert esconde as cartas que Nettie envia para Celie, impedindo Celie de receber quaisquer informações da irmã.

Lourdes Maria Bandeira (2017) descreve os diversos tipos de violências às quais as mulheres são submetidas e que esta situação ocorre devido o machismo representar uma força estruturante socialmente.

(...) É necessário reconhecer que a violência contra a mulher é uma força social herdada da ordem patriarcal e dotada de capacidade estruturante da realidade social. (...) A cada minuto, alguma mulher sofre um tipo de violência: um assédio no local de trabalho, um estupro, um assassinato, uma mutilação. Outras podem estar sendo brutalizadas, barbarizadas, ou vivendo sob a ameaça. (BANDEIRA, 2017, p.21)

Na mesma produção cinematográfica, outra personagem vítima da violência é Sofia (Oprah Winfrey). Mulher negra, forte e determinada, que não se submetia a nenhuma ofensa. Sempre que tinha um aborrecimento, revidava com irreverência. Sofia casa-se com Harpo e não suportando viver por muito tempo em sua companhia, devido a suas praticas machistas, decide ir embora de casa.

O momento mais contundente e violento que a personagem vive acontece quando ela encontra Milli (Dana Ivey), esposa do prefeito da cidade e esta pergunta se Sofia quer ser sua empregada. Sofia responde que nem no inferno, e o prefeito, para defender a esposa, agride Sofia. Sofia revida à agressão do prefeito e é levada à prisão, onde passa anos de sua vida. A respeito da Subalternidade com que são tratadas as mulheres negras no filme, Wallace Rodrigues (2015) comenta que:

Para além das questões de gênero, os negros são retratados como subalternos e subordinados às personagens brancas que aparecem no filme, refletindo a verdadeira realidade dessa época nos Estados Unidos. Quem ousava desafiar essa rígida estrutura social sofria as consequências de seus atos, como pudemos observar na história da personagem Sophia. Sophia, uma mulher forte e determinada, que deixa o marido em vez de ser espancada por ele, ultrapassa os limites da sua posição enquanto mulher negra e dá um tapa na cara do prefeito, um homem branco e com todo o poder para fazê-la pagar a consequência de tal ato. (RODRIGUES, 2015, p. 29)

É evidente que em sociedades predominantemente racistas, as mulheres negras são vistas pelos brancos como estando em situações vulneráveis, úteis apenas ao trabalho doméstico. Isso porque, desde o período escravocrata, foi construído na memória social, essa equivocada e humilhante concepção de hierarquia racial e de gênero.

No que se refere ao machismo, tal atitude acontece quando as mulheres são interpeladas pelos homens quando lutam por direitos iguais. O sujeito machista é aquele que não aceita igualdade entre os gêneros e age se considerando superior às mulheres. Essa conduta está presente em toda narrativa cinematográfica de *A Cor Púrpura*, onde as personagens femininas e negras têm suas personalidades subjugadas e silenciadas pelos homens.

Segundo Heleieth Saffioti Iara Bongiovani (1987) o termo “machismo” foi estabelecido socialmente ao homem, devendo ele aceitar e cumprir as regras impostas a sua condição de macho.

O preço pago pelo homem para dominar a mulher extravasa largamente o terreno econômico. Para agir como o macho representado na ideologia dominante o homem deve aceitar, ainda que inconscientemente, sua própria castração. (...) O macho é considerado o provedor das necessidades da família. Ainda que sua mulher possa trabalhar remuneradamente, contribuindo, desta forma, para o orçamento doméstico, cabe ao homem ganhar o maior salário a fim de se desincumbir de sua função de chefe. Logo, quer seja o único provedor das necessidades. (...) Mas ser macho não significa somente ter êxito econômico. Ao macho estão sempre associados valores tais como força, razão e coragem. (...) O homem será considerado macho na medida em que for capaz de disfarçar, inibir, sufocar seus sentimentos. A educação de um verdadeiro macho inclui necessariamente a famosa ordem: "Homem (com H maiúsculo) não chora". (SAFFIOTI, 1987, p. 24-25)

A vida de Celie começa a ganhar significados quando aparece Shug Avery (Margaret Avery), uma cantora de jazz, mulher forte e determinada, a suposta amante de Albert. Ao chegar à residência de Celie, bastante fragilizada, em

consequência do alcoolismo, Celie passa a cuidar dela e, desse cuidado, nasce uma forte amizade entre as duas personagens. Celie a admirava muito. Isso porque Shug tinha tudo que Celie não possuía: liberdade, felicidade, beleza física, independência pessoal e financeira. Nesse contexto, é importante ressaltar que Shug, embora sendo negra, era tratada com respeito e admiração por todos, devido à posição social que se encontrava.

Shug sente-se sensibilizada pelas condições subalternas que Celie vive e passa a cuidar dela, levantando sua autoestima, mostrando suas qualidades positivas, desconstruindo os preconceitos que o padrasto e o marido repetiram inúmeras vezes e que a fizera sentir-se inferior, por ser mulher e negra. Celie, que não gostava de falar, nem de sorrir, pois se achava feia, tempo depois conseguia sorrir e olhar-se no espelho.

Da amizade entre as duas nasce o amor afetivo. Celie e Shug viveram um relacionamento afetivo. E foi a partir desse relacionamento que Celie ganhou forças para enfrentar seus medos e conquistar sua independência pessoal e amor-próprio. A participação de Shug na vida de Celie foi fundamental para ela compreender sua importância enquanto um ser social e único, ou seja, Celie descobriu o amor e aceitação pessoal através de outra mulher (que, inicialmente, representava sua oponente).

Presumimos que esse também deve ser o nosso compromisso enquanto um ser social quanto ao cuidado que devemos ter com as mulheres que estão inseridas nos ambientes subalternos, acima de tudo, escutando e apoiando estas mulheres (de acordo com o conceito de “sororidade” de Tinoco).

A sororidade, na visão de Dandara Tinoco (2016), no artigo “Sororidade substantivo feminino”, seria:

A sororidade significa dizer que estamos aqui uma pelas outras e se refere a uma espécie de pacto entre mulheres relacionado às dimensões éticas, política e prática do feminismo contemporâneo, ou simplesmente, uma aliança baseada na empatia e no companheirismo. (...) A sororidade é um caminho importante para enfraquecer a misoginia ainda dominante em nossa cultura que inclusive incita a rivalidade entre as mulheres. (TINOCO 2016, p.1)

Praticar a sororidade significa também combater a rivalidade, visto que, muitas mulheres sentem-se superiores às outras e isso pode ser negativo no combate às práticas machistas. Neste sentido, a solidariedade de Shug para com

Celie foi capaz de libertá-la do opressor. A atitude de Shug faz-nos refletir que as mulheres, embora sendo consideradas como sexo frágil, detêm uma força determinante para resolver situações conflitantes no ambiente em que vivem.

Além de elevar a autoestima de Celie, Shug consegue regatar as cartas que Nettie lhe enviou durante anos. A leitura dessa correspondência foi outro fator determinante que possibilitou Celie a viver mais alegre e reacender as esperanças de encontrar a irmã e os filhos que foram arrebatados dela. Celie vivia momentos de distração às escondidas, lendo as cartas. Aquele momento era fantasioso e imaginário, onde ela rememorava as poucas lembranças que tinha dos filhos e da irmã.

Nas cartas, Celie descobre que Nettie foi acolhida por um casal de missionários que também cuidava dos filhos de Celie e foram levados para um país africano para realizar uma missão religiosa. Nettie e os filhos de Celie eram cuidados com respeito e liberdade pela nova família e tiveram oportunidades de vivenciar amor e carinho, bem como conhecer novas línguas e culturas, oportunidades essas não concedidas a Celie.

Momento decisivo na vida de Celie acontece quando ela, fatigada das agressões e humilhações, decide partir com Shug. Quando Shug informa a Albert que levará Celie junto, ele fica furioso e inicia sucessivas humilhações. Isso porque ele pensava que Celie viveria eternamente sob seu domínio machista. O objetivo de suas ações humilhantes era reprimi-la, para ela ser sua cativa por toda a vida. Albert nunca imaginou que um dia ficaria sem sua subalterna.

Wagner Enedino e Celeste Sousa (2014) comentam sobre as ações machistas que as mulheres ainda vivenciam na sociedade:

Desse modo, pode-se notar o quanto a mulher sofreu por séculos o estigma de um ser inferiorizada, não sendo capaz de compor um cenário adequado ao seu universo. Por meio de uma visão equivocada e preconceituosa, se propagam visões primitivas que negam a sua participação dentro da sociedade. Sua representação é feita por um olhar permeado de machismo, se tornando vítimas do silêncio e do seu próprio gênero. (ENEDINO; SOUSA, 2014, p. 375)

Celie era essa personagem descrita pelos autores, ela foi condicionada desde a infância a não reclamar das situações que lhe eram impostas. No cenário em que estava inserida, ela acostumou-se e achava até normal à vida que levava. Foi

necessário outra mulher lhe mostrar que a forma que vivia era humilhante e que ela merecia ser tratada com respeito e dignidade.

Albert, inconformado com a decisão de Celie lhe deixar, arremessa todo racismo, preconceito e ódio que sente pelas mulheres contra Celie. Quando diz a todos que estão sentados à mesa, festejando as comemorações do Natal: “Ela vai Voltar”. “Shug, sabe cantar, sabe falar com as pessoas”. E dirige-se a Celie dizendo: “Não tens nada, és feia, magra, mal feita, tem medo de falar com as pessoas, só serves para ser criada da Shug”. E mais uma vez repete: “És negra, pobre, feia, és mulher, não és nada”.

Sobre o preconceito racial, em se tratando do Brasil, Heleieth Saffioti Lara Bongiovani (1987), aborda os estereótipos raciais contra os negros e a legislação que pune os agressores contra a prática hedionda da discriminação racial e assegura direitos aos que sofrem injúria racial.

Sabendo-se que há preconceito racial no país, que o negro é marginalizado de ocupações rendosas e prestigiosas, que é objeto de galhofas, de brincadeiras que o diminuem, que o fazem cair no ridículo, seria correto deixar de elaborar uma legislação que pune criminalmente tais discriminações? Embora estas leis sejam amplamente desrespeitadas, sua mera existência já provoca uma redução dos abusos dos brancos contra os negros. A legislação paira como uma ameaça contra brancos que discriminam negros, pois estes podem a ela recorrer, a fim de defender seus direitos de cidadãos. Pode-se, portanto, afirmar que a situação de marginalização do negro seria ainda pior se não houvesse uma legislação específica, proibindo práticas discriminatórias contra ele. Como na prática brancos e negros não são iguais, faz-se necessária uma legislação que proteja os socialmente mais fracos, funcionando, pelo menos, como ameaça aos socialmente mais fortes. (SAFFIOTI, 1987, p. 78)

As descrições ofensivas de Albert a Celie nos revelam que a mulher negra não tinha nenhum valor naquela sociedade, pois sua função era apenas executar as atividades domésticas. Os relatos de Albert demonstram isso, pois o desprezo e as provocações tinham como finalidade fazer Celie desistir de deixá-lo, pois, mesmo sentindo despreço por ela, ele sabia que não encontraria outra mulher tão eficiente e cuidadosa quanto Celie.

No momento em que Celie saiu de casa, Albert sai correndo atrás do carro dizendo palavras que possivelmente a fizesse desistir da decisão de viver uma nova vida, mas ela estava resolvida, segura de que sua vida seria diferente a partir daquele momento. Celie segue sem desistir do seu propósito. Ao chegar à cidade onde passou parte da infância, descobre que seu padrasto, quem ela pensava ser seu pai,

havia morrido e, conseqüentemente, a casa que vivera quando criança passaria a ser sua por herança.

Assim, Celie, além de conquistar autoestima e liberdade, conquista também uma ocupação social e se descobre como uma talentosa e famosa estilista. Os momentos subsequentes foram de muita alegria, pois ela reencontra a irmã e os filhos que outrora foram retirados dela pelo seu agressor. Não obstante, Albert estava sempre observando Celie e presenciando suas conquistas.

Em conformidade com o filme, é possível observar os atos desprezíveis a que a personagem Celie foi submetida desde a infância, tendo que suportar o incesto, a exclusão social, e, sobretudo, a rejeição por ser mulher, negra e pobre. De fato, a sociedade que Celie vivia, estava imersa na intolerância racial, em que os brancos utilizavam dos pressupostos de que ser negro e pobre deveriam estar nas piores posições sociais e sujeitos ao total apagamento.

É importante destacar que a história da escravidão surgiu na Europa, depois espalhou por diversos países chegando ao Brasil com os colonos portugueses. E foi neste contexto que também surgiu o termo racismo³, uma ação desumana e cruel de marcar com ferro os negros capturados, subjugando-os, humilhando-os e explorando-os.

Conta-nos a história que os negros, ao saírem do seu país de origem, eram comprados e seus negociadores colocavam suas marcas, especificando, assim, a classe a que pertenciam. Assim podemos concluir que o conceito de raça também foi criado pelos europeus e sempre foi um ato para desqualificar a personalidade negra e de outros grupos não-ocidentais, deixando esses “outros” sempre em situações desiguais de poder.

Não diferentemente do Brasil, os negros dos Estados Unidos viviam as mesmas situações precárias e desumanas e tiveram que lutar muito para conquistar os mínimos direitos civis. E, conseqüentemente, as mulheres negras americanas, como as mulheres negras brasileiras, também estavam inseridas nas piores posições sociais, sem direito a educação, respeito e cidadania.

³ Como surgiu o termo racismo. O Documentário A História do Racismo produzido pela (BCC Four 2007) nos informa que “o racismo surge nos séculos XVI e XVII, e no último século ele ganhou força, os europeus praticava a escravidão já alguns séculos, e a história do racismo no mundo ocidental é amplamente associado à escravidão, como forma primitiva do colonialismo. E neste contexto que algo chamado raça é criado e dominados pelos europeus.” (...) “Quando o comerciante comprava o escravo ele era marcado com um ferro nas costas com a letra que representava a classe que pertenciam”.

Eram submetidas aos piores descasos e “valiam menos” que os homens negros. Wallace Rodrigues (2015) reforça as condições inferiores em que os negros, e em particular as mulheres negras, sobreviviam nos Estados Unidos no início do século XX:

Os anos trinta do século XX, nos Estados Unidos, foram um momento em que a maioria dos negros ainda não havia conquistado direitos civis e vivia em condições pouco diferentes dos tempos de escravidão. O único membro da sociedade que valia menos que um homem negro era uma mulher negra. Numa sociedade onde os linchamentos frequentes na região sul do país e em outras partes eram comuns, havia pouco ou nenhum recurso ou apoio do Estado para as mulheres negras que sofriam assédio ou abuso sexual por parte dos homens brancos ou/e negros. (RODRIGUES, 2015, p.28)

O filme em análise nos revela uma clara distinção racial, relativo ao gênero e classe social. Em *A Cor Púrpura*, os negros, sendo homens ou mulheres, apresentavam níveis sociais baixos e ocupavam posições desimportantes na sociedade. As mulheres, muito pior, eram marginalizadas e vivem em condições de invisibilidade social.

Ao fazermos uma análise da história das mulheres negras inseridas em todos os contextos sociais e em todas as sociedades, percebemos que o silenciamento de suas personalidades e de todos os seus sofrimentos vividos estão relacionados à dominação masculina e aos preconceitos praticados por estes cotidianamente. Sobre o discurso de discriminação racial e “soberania masculina”, Heleieth Saffioti, Lara Bongiovani (1987) afirma que:

De modo geral, contudo, a supremacia masculina perpassa todas as classes sociais, estando também presente no campo da discriminação racial. Ainda que a supremacia dos ricos e brancos torne mais complexa a percepção da dominação das mulheres pelos homens, não se pode negar que a última colocada na "ordem das bicadas" é uma mulher. Na sociedade brasileira, esta última posição é ocupada por mulheres negras e pobres. (SAFFIOTI, 1987, p. 16)

Discutir o filme *A Cor Púrpura* sob a perspectiva educacional é de fundamental importância para ensinar aos alunos sobre questões étnico-raciais. Os resultados desse trabalho podem ser positivos, desde que o professor saiba conduzir os ensinamentos abordados no filme, procurando envolver os alunos nas discussões que permeiam o meio social.

No entanto, o professor tem que ter cuidado ao exibir tal filme para um alunado específico, ou seja, de acordo com a idade indicada no filme. Isso para poder dialogar mais ricamente sobre o filme e criar relações significativas para os alunos.

O cinema é uma ferramenta educacional interativa capaz de representar a realidade tomando como exemplo o mundo fictício. O filme *A Cor Púrpura* promove ao público espectador imaginar a opressão em que vivem os integrantes dos grupos marginalizados. No filme em estudo, a maior parte dos personagens da ação está inserida nesse grupo, quer sejam mulheres, negros e pobres. E, embora sendo uma narrativa remota, os temas são atuais e as práticas ainda se repetem nos variados contextos sociais, quer seja no Brasil ou em outros países.

4.2 O filme *Preciosa*

O filme *Preciosa - Uma História de Esperança* foi baseado em um romance intitulado *Push*, de autoria de Sapphire. A obra cinematográfica é dirigida pelo cineasta Lee Daniels, e foi executada no ano de 2009, nos Estados Unidos. O filme *Preciosa*, uma história de esperança, foi premiado com dois Oscars e narra a biografia de Claireece Precious Jones, (interpretada por Gabourey Sidibe), uma adolescente negra, pobre, analfabeta e, sobretudo, obesa.

Preciosa vivia em Harlem, um bairro pobre situado em Nova York, na companhia da mãe, uma mulher arrogante e extremamente violenta. Ainda na infância, *Preciosa* foi vítima de estupro, ato cometido pelo padrasto, e desse abuso nasceram duas crianças, sendo o primeiro filho, uma criança portadora de síndrome de down.

Preciosa sofria preconceitos em todos os ambientes que frequentava: na escola, no bairro onde morava e principalmente no meio familiar, onde a mãe, Mary (Mo'Nique), uma mulher rude e revoltada, acusava a filha de ter tomado o seu "homem". Mas a verdade é que sua genitora omitia os fatos para não ser julgada, pois ela era conivente da ação. *Preciosa* foi estuprada desde a infância. Isso acontecia na presença da mãe e esta nada fez para reverter à situação. Neste contexto, é importante dizer que a personagem (a vítima) aparece como a culpada e seu agressor como não tendo culpa de nada.

A narrativa fílmica se inicia com os relatos fantasiosos de *Preciosa*, onde ela sonha ter um namorado de pele branca, cabelo "bom", sair na capa de revistas e cantar nos shows de Bet, a musa inspiradora dos seus sonhos. No entanto, lembra-se das frases depreciadoras da mãe lhe dizendo que não sabe dançar e que ninguém quer ver seu "traseiro rebolando".

Os sonhos de Preciosa em de ter um namorado “branco, cabelo bom” dizem muito sobre a representação dos negros socialmente, já que estes não têm uma imagem física desejada de acordo com os padrões de beleza que a sociedade define. De modo geral, os negros são vistos pela sociedade como tendo uma personalidade fisicamente grotesca, feia e indesejada.

Preciosa padeceu preconceito não apenas por ser negra, mas principalmente por estar com sobrepeso. Essa característica física foi o que mais lhe afetou psicologicamente. Nos diversos ambientes que ela frequentava era discriminada, porque, socialmente, sua estrutura física não era fixada nos moldes da sociedade. Pierre Bourdieu (1930) faz uma análise interessante sobre a imagem que a sociedade estabelece sobre as características físicas relacionadas ao corpo feminino:

Tudo, na gênese, do *habitus* feminino e nas condições sociais de sua realização, concorre para fazer da experiência feminina do corpo o limite experiência universal do corpo para o outro, incessantemente exposto à objetivação operada pelo olhar e pelo discurso dos outros. A relação com o próprio corpo não se reduz a uma “imagem do corpo”, isto é à representação subjetiva (*self-imagem* ou *looking - glass self*), associada a um determinado de *self-esteem*, que um agente tem de seus efeitos sociais (de sua sedução, de seu charme etc.) (...) Semelhante modelo esquece que toda a estrutura social está presente no curso da interação, sob a forma de esquemas de percepção e de apreciação inscritos nos corpos dos agentes em interação. (BOURDIEU, 1930, p. 39)

Tomando como base a análise feita por Pierre Bourdieu (1930), é possível identificar que nos diversos ambientes sociais em que a mulher está inserida, a importância atribuída a ela está relacionada, primeiramente, à imagem física. E associam essa imagem aos princípios morais, esquecendo-se que a importância do ser humano não está na forma que se apresenta fisicamente, mas nas formas interacionais e nos efeitos sociais que esta interação promove.

Preciosa, uma adolescente (fase essa, muito importante na construção da vida pessoal e social), experimentou os piores preconceitos: por ser mulher negra e obesa. Num dado momento da narrativa, ela ao olhar-se no espelho, se vê uma mulher loira e magra. Esse acontecimento se explica porque, em sua construção imaginária, a mulher perfeita nos moldes da sociedade devia ter esse perfil. Sobre essa discussão, Jurandir Freire Costa (1984) nos informa que:

A identidade do sujeito depende, em grande medida, da relação que ele cria com seu corpo. A imagem ou enunciado identificatório que o sujeito tem de

si estão baseados na experiência de dor, prazer ou desprazer que o corpo obriga-lhe a sentir e a pensar. (...) Para que o sujeito construa enunciados sobre identidade, de modo a criar uma estrutura psíquica harmoniosa, é necessário que o corpo seja predominantemente vivido e pensado como local e fonte de vida e prazer. (COSTA, 1984, p.5, 6)

De fato, a relação que Preciosa tinha com sua imagem corporal não era harmoniosa. Isso porque sua genitora tinha prazer em a humilhar, chamando-a de baleia, gorda, feia e que não servia para nada. E todas essas ofensas construíram uma imagem negativa em sua personalidade.

A personagem estava inserida em todas as condições de violência que permeiam a sociedade. A violência sofrida pela protagonista se estendia de casa aos ambientes externos: rua e escola. Em casa, o padrasto a molestou sexualmente ainda criança, sequencialmente, a mãe a agredia verbal e fisicamente, recriminando-a com ódio e hostilidade. Por onde passava também era insultada verbal e fisicamente.

Na escola, Preciosa era agredida moral e psicologicamente, uma vez que seus colegas a excluía, obrigando-a a sentar-se sempre no final da sala. E, conseqüentemente, ainda era tachada de desinteressada quanto ao aprendizado. Mas a verdade é que suas dificuldades quanto à aprendizagem escolar estavam ligadas às humilhações e violências sofridas e a baixo autoestima.

Quando a diretora da escola tradicional soube que Preciosa estava grávida do segundo filho, quis logo conversar com a mãe da aluna para saber sobre a segunda gravidez da educanda. Em seguida, a diretora perguntou a Preciosa como ela tinha engravidado e se ela achava certo engravidar do segundo filho aos 16 anos. Em outro momento, foi até a residência da aluna, mas a mãe não quis recebê-la, e ela simplesmente orientou que a educanda procurasse uma escola alternativa para estudar e retirou-se sem oferecer possibilidade para sua permanência na escola.

Neste sentido, a escola não exerceu seu papel quanto à formação cidadã da educanda, visto que não buscou desenvolver projeto voltado para a educação sexual. Pois, em se tratando de uma escola onde o público-alvo era de adolescentes, tais medidas deveriam ser tomadas para reversão das ações de abusos que os adolescentes pobres vivenciam diariamente.

No que se refere à educação sexual no âmbito escolar, Constantina Xavier Filha (2012) faz indagações pertinentes ao assunto ao afirmar que a escola se justifica de não abordar a temática sexualidade por receio de contradizer os

ensinamentos dos pais, especialmente os mais religiosos, e também por achar que se tratar de algo “privado” e que tal ensinamento compete à instrução familiar. No entanto, a autora contraria tal justificativa ao dizer que muitos outros projetos são inseridos no currículo escolar sem consentimento dos pais e comunidade escolar. E sobre isso confirma que:

Este discurso pode levar a omissões e o descomprometimento dos/educadores/as que alegam que estes assuntos não devem ser tratados na escola, tratando-se de assuntos que não lhes cabe nem as instituições educativas. Muitos/as acreditam que, pensando e agindo assim, a sexualidade não adentra os muros escolares, fica do lado de fora na competência da educação familiar e, com isso, não precisa ser tratada como tema curricular. (XAVIER FILHA, 2012, p. 26-27)

Após saída da diretora da residência da aluna, a mãe mostra todo ódio que sente pela filha e diz que “a escola não ajuda ninguém, que está se achando porque o seu marido lhe deu dois filhos”, chama Preciosa de vaca, burra, vagabunda, diz que não serve para nada e que deveria ter lhe abortado”. Depois atira um objeto na cabeça da filha que a deixa desmaiada por algum tempo e para acordá-la joga-lhe água no rosto.

No que se refere à violência física que a protagonista era submetida no meio familiar, que envolve não apenas as mulheres, mas todos os membros do grupo, Lourdes Maria Bandeira (2017) demonstra que:

Assim, presente no espaço familiar-doméstico a violência interpessoal acaba produzindo consequências nefastas uma vez que filhos/as são expostos cotidianamente no interior de suas famílias, incorporando-a como naturalmente violenta, cujo controle sobre as mulheres é visto como parte das relações habituais. As crianças aprendem a viver de forma violenta, e correm o risco de vir a se relacionar fora da família também de forma violenta. Observa-se que o pai-chefe nunca é contrariado, desobedecido, pois mantém o controle sob a restrita intimidação e manipulação emocionais todos os seus membros. (BANDEIRA, 2017, p.29)

No ambiente familiar em que Preciosa vivia, ela estava sob tutela da mãe, e esta revoltada por ter fracassado como mãe e esposa e com argumentos de chefe da família, utiliza-se desses pressupostos para manipular, intimidar e humilhar a filha. E em nenhum momento queria ser contrariada, ao menor sinal de contrariedade ela revidava com violência moral e física.

No entanto, Preciosa compreendia que a educação era fundamental para conquistar sua autonomia e realizar seus sonhos e logo procurou a escola

alternativa, que lhe ofereceu uma oportunidade de aprendizado diferenciado. A escola alternativa oferecia melhores condições de ensino, tratava as alunas com respeito e compreendia os diversos contextos sociais em que elas estavam incluídas.

Neste sentido, podemos dizer que a escola, enquanto uma instituição social, e os profissionais envolvidos nesse processo, devem sim participar da vida escolar e individual do aluno, compreendendo o meio social onde estão inseridos, de forma a ajudá-los a resolver seus conflitos, promovendo condições de igualdade para que eles prossigam estudando.

Maria das Graças Nicoletti Mizukami (2011) afirma que a educação, deve assumir um significado mais amplo, pois não se deve educar pensando apenas na vida escolar do aluno, mas principalmente na formação do homem enquanto um sujeito que vive em sociedade. Nesta perspectiva ela discute que:

A educação tem por finalidade primeira, a criação de condições que facilitem a aprendizagem do aluno, e como objetivo básico liberar a sua capacidade de auto-aprendizagem de forma que seja possível seu desenvolvimento tanto intelectual quanto emocional.(...) Tudo que estiver a serviço do crescimento pessoal ou intergrupal é educação. O objetivo da educação será uma educação que abranja conceitos e experiências, tendo como pressuposto um processo de aprendizagem pessoal. (MIZUKAMI, 2011, p. 44, 45)

Na escola alternativa, a professora Rain (Paula Patton) trabalha com um método diferenciado de ensino, de forma que as alunas participam do processo de ensino-aprendizagem por meio da interação social. A escola preocupava-se com a com a formação pessoal e educacional dos envolvidos. O ensino era estabelecido através do diálogo, no qual a educadora solicitava que as alunas escrevessem um diário contando suas experiências pessoais, acreditando ela que, assim, as educandas teriam mais facilidade de expor seus problemas e conflitos.

A professora Rain, proporcionava liberdade às alunas de expressar-se sobre quaisquer situações vividas no cotidiano, e todas as conversas estavam relacionadas ao tema das aulas. Assim, as aulas na escola alternativa eram fundamentas em textos e contextos.

E foi nesse momento interacional da aula, que Preciosa revelou, por meio da leitura do seu diário, que foi violentada sexualmente desde a infância pelo padrasto. Revelou, também, que era HIV positiva. Em outra situação, certamente, Preciosa jamais teria coragem de expor uma situação problemática como esta.

Sobre esse discurso, Maria das Graças Nicoletti Mizukami (2011) afirma que a relação professor-aluno é muito importante na construção de saberes.

O processo de ensino, portanto irá depender do caráter individual do professor, como ele se inter-relaciona com o caráter individual do aluno. (...) Isso igualmente implica que o professor deva aceitar o aluno tal como ele é e compreender os sentimentos que ele possui. Aceitando o aluno e compreendendo-o empaticamente, o professor fará de sua parte, tudo para a criação de um clima favorável de aprendizagem. (MIZUKAMI, 2011, p. 52)

Assim que nasce o segundo filho, estando ainda Preciosa no hospital, à professora escreve-lhe aconselhando a doar o filho para alguém que oferecesse melhores condições de cuidá-lo, mas Preciosa não aceita doar o filho alegando querer ser uma boa mãe. Ao voltar para casa, sua mãe agride-a com extrema crueldade. Então, ela sai de casa e, neste momento, lembra que pode recorrer à professora Rain e esta a acolhe com o filho até que ela encontre um lugar para morar. Quando a protagonista encontra um lar para morar, ela resgata a guarda da filha com síndrome de down, que outrora estava com a avó, e, juntos, mãe e filhos passam a viver em família.

Ao analisarmos o filme com objetivo educacional, podemos inferir inúmeras reflexões do processo de ensino-aprendizagem. Sendo a interação um método eficiente e que possibilita ao aluno expor seus saberes e vivências de mundo. As aulas ministradas na escola alternativa partiam do contexto social das alunas. O nome da escola já nos remete que o seu método de ensino-aprendizagem, pois partia da experiência do outro. Segundo Mizukami (2011, p. 100), “o diálogo implica relação horizontal de pessoa a pessoa sobre alguma coisa, e nisto reside o novo conteúdo programático da educação. A palavra é vista em duas dimensões: a da ação e da reflexão.”

O filme *Preciosa* é envolvente e sua narrativa é um confronto de ficção e realidade, pois sua abordagem retrata questões sociais relevantes e marcantes. Em determinados momentos da narrativa, nos sentimos indignados com as cenas de abuso sexual e violências.

As ligações que o filme *Preciosa* têm com a educação são discussões variadas que vão além da teoria educacional, partem do ambiente familiar e social. Percebemos que em muita coisa a escola precisa mudar para ser um ambiente transformador.

Podemos observar, ainda, por meio desta obra cinematográfica, que a educação pode sim ser libertadora quando o foco da ação está centrado no aluno e quando as atividades educacionais estão voltadas para a formação pessoal e social dos envolvidos.

A linguagem deste filme nos desperta, também, para refletirmos sobre as situações de vulnerabilidade social em que estão inseridas as personagens, pois trata-se de uma narrativa que aborda a história de uma personagem marginalizada, sem perspectiva de mudanças e que sonha libertar-se e superar as desigualdades. E a esperança que pôde libertá-la só pôde ser encontrada pela via da educação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto buscou analisar a trajetória feminina negra em diversas abordagens, quer fossem evidenciadas na vida real ou fictícia. De certo que as observações aqui apresentadas serviram para confirmar que as mulheres negras em todos os meios sociais em que estão inseridas enfrentam preconceitos, por serem mulheres, pela cor, pelas características físicas e ainda pela condição social.

As condições vulneráveis em que se encontra as mulheres negras, abordada neste escrito, está relacionada às situações sociais que excluem o ser feminino dos papéis sociais mais relevantes. Muitas mulheres também estão submetidas a situações humilhantes e violentas no ambiente domiciliar.

Acreditamos que, trabalhar o combate às desigualdades étnico-raciais sob uma perspectiva cinematográfica no contexto escolar pode ser de suma importância, pois vai além de relatar fatos sobre a história da escravidão, ou falar sobre o preconceito que as mulheres enfrentam na luta por reconhecimento social. Falar sobre a mulher negra nesta concepção é buscar falar de igualdade racial, respeito, direitos e valores.

Nesse sentido, a educação por meio do cinema se apresenta como uma atividade inovadora e dinâmica, sendo possível o professor promover aulas interativas que envolvem a participação dos alunos nos discursos referente à obra, e ainda explorar diversas temáticas que se aproximam da vivência e do cotidiano dos alunos.

Ainda, os filmes aqui analisados nos deixam ver que sua utilização na educação escolar deve ser cuidadosa, pois tratam de fatos muito duros de serem encarados e discutidos na sociedade. O professor deve fazer um planejamento cuidadoso na utilização desses filmes e buscar levantar uma discussão construtiva, em sala de aula, sobre os temas étnico-raciais, de gênero, de beleza, de papel social, entre tantos outros que os filmes nos possibilitam discutir.

Os filmes *A Cor Púrpura* e *Preciosa* nos revela os diversos espaços marginalizados em que as mulheres negras e pobres estão inseridas. Estando estas submetidas às diversas formas de violências, preconceitos e racismo. Essas obras fílmicas nos revelam ainda, o quanto nós mulheres sofremos por falta de respeito e humanidade.

Sonhamos com o dia em que a mulher negra será devidamente respeitada, quando a sociedade compreenda que todos têm direitos iguais e entenda que as diferenças se resolvem com políticas públicas de igualdade e com respeito ao outro. Sonhamos, ainda, com o dia em que não tivermos que lutar por mais respeito e direitos igualitários. E isto somente acontecerá quando a mulher negra conquistar direitos de ter uma educação pública de qualidade e outros bens e serviços sociais essenciais à vida humana.

REFERÊNCIAS

A COR PÚRPURA. Direção: Steven Spielberg. Produção: Steven Spielberg; Kathleen Kennedy; Quincy Jones; Frank Marshall. Estados Unidos: Amblin Entertainment; Guber-Peters Company; the Warner Bros, 1985. (DVD). 154 min.

ALVES; Ana Carla Farias; ALVES Ana Karina da Silva. **As trajetórias do movimento Feminista no Brasil e o Protagonismo social das mulheres.** Anais do IV Seminário CETROs. Fortaleza – CE – Itaperi, 2013.

AMARAL, Sharyse Piroupo do. **História do negro no Brasil.** Brasília: Ministério da Educação. Secretária de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Salvador: Centro de Estudos Afro Orientais, 2011.114 p.

BANDEIRA, Lourdes Maria. **Violência, gênero e poder: múltiplas faces - Mulheres e violências: interseccionalidades.** Brasília, DF : Technopolitik, 2017.628 p. il.

BARBOSA, Andréa. **Significados e sentidos em textos e imagens.** In: Imagem-conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos. Campinas: Papirus 2009.

(BOURDIEU, Pierre (1930-2002). **A Dominação Masculina.** Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, 160p.)

CAIUBY, Novaes S. **Imagem e ciências sociais: trajetória de uma relação difícil.** In: Imagem-conhecimento: antropologia, cinema e outros diálogos. Campinas: Papirus 2009.

CARNEIRO, Sueli. **Gênero, raça e ascensão social.** Revista Estudos Feministas. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 544-552, 1995.

COSTA, Jurandir Freire. **Violência e Psicanálise.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984. (texto inicialmente publicado como prefácio ao livro "Tornar-se negro", de Neusa Souza.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: Uma história de poligamia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DOCUMENTÁRIO. **A História do Racismo.** BBC Four março de 2007. (2:56:19) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0E6kcJm1YS4> . Acesso em: 23 de nov.de 2018.

ENEDINO, Wagner Corsino; SOUSA Celeste da Silva. **Subalternidade, Marginalidade E Violência num tempo Sem lei: Uma Leitura De Querô, Uma Reportagem Maldita E Híbrida.** Revista Estação literária. Londrina, PR. Volume 12, p. 370-387, jan. 2014.

Henn Fabris, Elí. **Cinema e Educação: um caminho metodológico.** Educação & Realidade, vol. 33, núm. 1, janeiro-junho, pp. 117-133. Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre, 2008.

IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA et al. **Retrato das desigualdades de gênero e raça**. 4. Ed. Brasília: IPEA; ONU Mulheres; SPM; SEPIR, 2011. Disponível em: < www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf >. Acesso em: 03 set. 2018.

LIMA Márcia; RIOS Flavia; FRANÇA Danilo. **Articulando Gênero e Raça: A participação das mulheres negras no mercado de trabalho. (1995-2009). Dossiê mulheres negras**. Brasília: IPEA, 2013. 160p.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Guacira Lopes Louro - Petrópolis, RJ. Uma perspectiva pós-estruturalista /: Vozes, 1997.

MARCONDES Mariana Mazzini [et al.]. **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Brasília: Ipea, 2013. 160 p.

MATOS Maria Izilda Santos de. História das mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas. **Mandrágora**, v.19. n. 19, 2013, p. 5-15.

MUNANGA, Kabengele. Preconceito de cor: Diversas formas, um mesmo objetivo. Estados Unidos, Africa e Brasil. Revista de Antropologia Vol. i1 (2ª parte) 1978 (Universidade Nacional do Zaire, Lubumbashi).

MIGUEL Luis Felipe; BIROLI Flávia. Práticas de gênero e carreiras políticas: vertentes explicativas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, setembro-dezembro/2010.

MIZUKAMI, Maria das Graças Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. Maria das Graças Nicoletti Mizukami. [Reipre.]. _ São Paulo: EPU.,2011. (Temas básicos de educação e ensino).

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema em sala de aula**. 4a. ed.,2 reimpressão. São Paulo: contexto 2009.

PAULA, Marise Vicente de. **De escrava à empregada doméstica: o fenômeno da (in)visibilidade das mulheres negras**. Revista Latino-americana de Geografia e Gênero, Ponta Grossa, v. 3, n. 2, p. 156-164, ago. / dez. 2012.

PRECIOSA: Uma história de esperança. Direção de Lee Daniels. Estados Unidos: Lee Daniels Entertainment, 2009. (1 DVD).

RIBEIRO Djalmita. **As diversas ondas do feminismo acadêmico**. — Carta Capital por Djamila Ribeiro publicado em 25/11/2011. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/escritoriofeminista/feminismoacademico9622.html>>. Acesso em: 15 de ago.2018

RODRIGUES, Wallace. **Nosso negro passado e vulnerabilidade social atual**. Revista Contemporânea: Revista Uniletoledo: Arquitetura, Comunicação, Design e Educação. v.02.n01.p.104-115. Out/dez.2017.

RODRIGUES, Wallace; SILVA, Luiza Helena Oliveira da. **Três Representações do tempo presente pela via do cinema brasileiro**. Escritas. Vol.8.n.2. (2016) p.296-309.

RODRIGUES, Wallace; [et al]. **Filme A cor púrpura e sua utilização na educação**. Almanaque Multidisciplinar de Pesquisa, Universidade Unigranrio, Ano v – volume 1 número -1 2018 .p.21-36.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, Coleção polemical,1987.

SANCHES, Solange. **Trabalho doméstico: Desafios para o trabalho decente -Fases da desigualdade de gênero e raça no Brasil**. - organizadoras: Alinne de Lima Bonetti, Maria Aparecida A. Abreu. Brasília: Ipea, 2011. 160 p.

SILVA, Tatiana Dias. **Mulheres Negras, Pobreza e Desigualdade de Renda**. Dossiê mulheres negras. Brasília: Ipea, 2013. 160p.

SOUSA, Andréia Lisboa de. **A Representação da Personagem Feminina Negra Na literatura Infanto-Juvenil Brasileira**. Brasília 2005, Coleção Educação para todos.

TINOCO, Dandara. **Sororidade, substantivo feminino**, por (O Globo, 26/03/2016) Disponível em: <https://agenciapat...riciagalvao.org.br/wp-content/uploads/2016/03/o-globo-26032016_Sororidade-substantivo-feminino-Jornal-O-Globo.pdf>. Acesso em: 05 out. 2018.

TOZONI-REIS, Marília Freitas de Campos./ **Metodologia da Pesquisa**. Marília Freitas de Campos Tozoni-Reis. 2. ed._ Curitiba: IESDE Brasil S.A.;2009. 136p.

XAVIER, FILHA, Constantina. **As dores e as delicias de trabalhar com temáticas de gênero, sexualidades e diversidades na formação docente**. In_ Formação de educadores, gênero e diversidade. Cuiabá, MT: EDUFMT, 2012. 184 p.